

CÍRCULO PSICO-ORGÂNICO E CICLOS ARQUETÍPICOS NA ARTETERAPIA

Ana Luisa Baptista

A natureza da vida depende de completar ciclos de expressão energética criados pela forma.

O sentido de um ciclo é aceitá-lo e segui-lo.

Strephon Kaplan-Williams

OS CICLOS ARQUETÍPICOS

Na Psicologia Analítica o desenvolvimento da psiquê parte de um estado original de indiferenciação. Neumann (1) denominou este estado inicial de Ourobórico, representado mitologicamente pelo Ouróboros - imagem alquímica do dragão que se engendra e engole a própria cauda, devorando a si mesmo - expressando a continuidade do início e do fim.

O Ouróboros representa "*o redondo que contém*". O autocontido, onde os opostos macho e fêmea, pai e mãe, princípio e fim se unem. Não há antes nem depois, só a eternidade. Tudo é envolvente e contém, circunda, protege, preserva e nutre. O mundo é dotado de duplo sentido: o que é interno é externo e o que é externo é igualmente interno.

Durante este estágio inicial, há predominância absoluta do inconsciente. Vivencia-se o obscuro, o Caos onde tudo existe, mas nada tem uma forma específica.

Com o nascimento, a criança passa a viver o estágio da Ouróboros Maternal, caracterizado pela relação mãe-que-alimenta e bebê. A mãe torna-se, então, o próprio destino da criança, "*cuja natureza é pertencer à mãe e ser parte dependente desta*" (2).

Nesta fase, a "*relação primal funciona para a criança como possibilidade de relacionamento com o próprio corpo, com o Self, com o "tu" e com o mundo*" (3). Tal relação é determinante para o sentimento de existir da criança.

No nível corporal, o Ego e a consciência se encontram a mercê dos instintos, das sensações e das reações provindas do ambiente e do corpo. Não há ordenação, centralização, aceitação e recusa, visto que o Ego ainda não se diferenciou da matriz do inconsciente.

Posteriormente, o desenvolvimento da personalidade se processa através de quatro Ciclos Arquetípicos: **Matriarcal, Patriarcal, Alteridade e Cósmico**. Estes, porém, são "evolutivos-estruturantes", referindo-se: "*... a transformação progressiva da consciência, mais adiante, ao mesmo tempo, a imutabilidade do arquetipo que rege a sua transformação*" (4).

O **Ciclo Matriarcal** é considerado o mais arcaico, visto que a consciência, nesta fase, opera muito próximo do inconsciente, permitindo a vivência da magia, do ocultismo, da superstição, da sensualidade, do instinto, da criatividade e da regressividade.

Ao se configurar como imagem arquetípica, a Grande Mãe se manifesta em sua bipolaridade. Por um lado, traz as imagens de aconchego, de proteção, por outro, de possessão, de destruição, da mãe devoradora.

Aqui a personalidade começa a emergir, mas ainda está mergulhada no inconsciente. Vivencia-se um mundo regido pelos desejos, pelo princípio do prazer, da fertilidade e da sensualidade. Há uma intensa proximidade afetivo-corporal, visto que o Self, nesta fase, é apenas corporal.

A vivência do espaço-corpo passa a se definir na relação entre essas polaridades. A mãe "transforma" desconforto em conforto, dor em prazer, frio em aquecimento, molhado em seco. Nesse dinamismo a criança vivencia um mundo de opostos complementares, pois o meio externo se apresenta de forma binária: calor-frio, seco-molhado, amor-ódio. Estes são os primeiros organizadores da consciência.

A mãe trás para a criança a vivência da corporificação, criando um dentro e um fora. É a vivência do "*corpo que dá limites à personalidade*" (5), de forma que o sujeito passa a perceber um Eu e um Não Eu.

Em seu desenvolvimento progressivo, a consciência começa a se distanciar do inconsciente. A criança agora vivencia também a lógica patriarcal que tem suas bases nas idéias e ações previamente determinadas. Seus princípios são as regras, as normas, o dever, a tarefa e a coerência. Entra no **Ciclo Patriarcal**.

Desenvolve a capacidade de recordar-se e de ligar-se ao ambiente, conseguindo integrar sensações e observações passadas e presentes. Internaliza a noção de continuidade, passa a ter memória da própria história, percebendo um ontem, um hoje e um amanhã. O tempo torna-se um regulador da vida neste período.

O espaço se organiza e se orienta em termos de direções e orientações contrastantes: em cima-em baixo, frente-trás, de um lado e do outro, perto-longe etc.

Para ela, o pai é o mediador entre o lar e o mundo. Através de sua força ela adquire segurança e autoconfiança. E em sua autoridade encontra a ajuda necessária para descobrir os limites próprios e externos. Os limites no universo patriarcal, porém, são rígidos, trazendo um componente repressivo, em nome da lei e das regras.

O arquétipo do Pai organiza a consciência por meio da ordem, dos códigos, da moral e da ética. Representa o mundo dos costumes, dos valores tradicionais, das normas sociais e das expectativas culturais no que se refere a atitudes e comportamentos.

A necessidade de ser protegido e cuidado, assim como a de ser orientado e conduzido no mundo, estabelece padrões de dependência. Estes são organizadores da psique e estruturantes.

Tendo internalizado os arquétipos da Grande Mãe e do Pai, o sujeito constela a Dinâmica do Herói.

Nas mais diversas narrativas mitológicas o herói ou heroína age de maneira específica. "*Constituem uma tentativa do Inconsciente em criar um modelo de Complexo do Ego ideal, que permanece em harmonia com as exigências da Psique*" (6).

No desenvolvimento humano, o ápice da dinâmica do Herói acontece na adolescência e no adulto jovem, quando o sujeito busca um caminho próprio, deixando um registro individual, uma marca na sociedade a qual se pertence (por ex.: profissionalizar-se, prover o próprio sustento, buscar parceiros, gerar filhos etc.).

Após a vivência das polaridades, do mundo de opostos e da Jornada Heróica, chega-se à noção de identidade única: vive o **Ciclo da Alteridade**.

O sujeito caminha rumo ao relacionamento com o Outro e a sua própria individualidade. O Ego torna-se capaz não só de afirmar a si próprio, como também de considerar a posição do outro, relacionando-se com ele dentro da mutualidade. Pode abrir mão da segurança que encontra dentro dos limites individuais e empatizar-se com a realidade do outro.

Ao contrário da fase anterior, onde os opostos são vivenciados como excludentes, na Alteridade as polaridades são identificadas como tal, mas há a capacidade de relacionar-se dialeticamente e criativamente com elas. O sujeito vivencia várias facetas de si próprio e as inter-relaciona. Pode trocar de posições e colocar-se no lugar do outro.

É no dinamismo da Alteridade atualizam-se os arquétipos vinculados ao contra-sexual (Arquétipo do Animus - parte ativa e masculina da mulher) - e Arquétipo da Anima - parte passiva e feminina do homem) e sua inter-relação (Arquétipo da Coniunctio).

A individualidade, porém, se faz presente em todos os Ciclos, mas de maneiras diferentes: no Dinamismo Matriarcal, através da forma particular de cada sujeito em satisfazer-se em função dos princípios do prazer e da fertilidade; no Dinamismo Patriarcal por meio da competição na realização de tarefas comuns; e, no Ciclo da Alteridade, na capacidade de se afirmar e de ao mesmo tempo considerar a posição do Outro, relacionando-se com este de forma igual para igual.

A partir da integração das polaridades o sujeito as transcende podendo retornar ao padrão unitário: entra na Dinâmica Cósmica.

No **Ciclo Cósmico** a finitude do processo de vida se faz presente e nítida. O sujeito busca um significado para a sua existência. Atualiza o Arquétipo da Totalidade Psíquica: o Self.

Entretanto não se trata de um retorno à vivência Ourobóica, visto que neste momento a consciência se faz presente.

Embora a seqüência das etapas do Processo de Individuação se dê numa ordem evolutiva, a sucessão dos estágios não implica no desaparecimento do anterior quando o outro surge. Quando há predominância de um destes estágios, os outros permanecem "adormecidos", mas prontos para assumir o centro sempre que a situação vivenciada exigir.

O CÍRCULO PSICO-ORGÂNICO

Criado por Paul Boyesen, o Círculo Psico-Orgânico refere-se tanto à trajetória de vida, como a circulação energética. Trata-se de um modelo fenomenológico que vincula a experiência psíquica e corporal do sujeito.

Este se divide em nove pontos (etapas).

O primeiro ponto, denominado **Necessidade**, inicia-se com o começo da trajetória humana: vai da fase intra-uterina aos primeiros meses do bebê.

Na vida intra-uterina há uma fusão orgânica entre mãe e bebê. O recém nascido é "*um pequeno sistema de energia dentro do sistema de energia da mãe. Quando nasce, há um processo de separação dos dois sistemas energéticos. Antes estava 'dentro' dela, agora está 'próximo' a ela*" (7). O espaço intra-uterino contém e envolve, de forma que o bebê sente-se totalmente protegido.

Fora do útero, o espaço é ilimitado, não há fronteiras. Ao nascer, o bebê tem que lidar com as várias mudanças internas e externas: muda a sensação térmica, precisa aprender a respirar, a engolir e a adaptar-se a força da gravidade, a luminosidade, aos novos ruídos do meio ambiente e a falta do aconchego do universo uterino. Surgem sensações de fome e sede.

A dependência do outro é total. Como a personalidade ainda não está delimitada e diferenciada, o bebê vivencia um estado de completa fusão. Ainda é parte da mãe que o alimenta e protege, sentindo o corpo da mãe como um prolongamento do seu próprio corpo, precisando que esta supra todas as suas necessidades físicas e emocionais. Isso é necessário para que ele crie um contorno em torno de si, uma fronteira entre eu-outro, eu-meio externo.

Vive um espaço de receptividade e de atividade ao mesmo tempo: cabe a ele se apropriar do que o meio lhe oferece, pegando o que necessita para si. Fazer dele o que recebe da relação com o outro. Cabe ao adulto que lhe cuida ser "*interpretante, tradutor, simplificador de um mundo complexo e desconcertante. Mãe filtro e ponte, protegendo-o da intensidade, força e variedade de estímulos, para que o bebê os receba na medida em que seja capaz de absorvê-los ...*" (8).

É a partir da interação com a figura materna - ora ausente, ora presente - que a criança começa a criar seu envelope corporal: um continente que delimita eu de não-eu, meu de não-meio, dentro e fora. Esse envelope assegura à psique a certeza e a constância, possibilitando a vivência do sentimento de bem estar e a construção da sensação de existência.

Passa, então, para a segunda etapa do Círculo: a **Acumulação**.

Aqui a criança começa a perceber os limites corporais. Surge o sentimento de território, da apropriação do próprio corpo e dos conteúdos internos.

O outro é agora um espaço continente de um corpo sem limites, permitindo ao sujeito acumular energia e apropriar-se do que é seu. A criança precisa ser tocada, manuseada, para poder sentir a extensão de sua pele e organizar, através do outro, suas emoções. É quem lhe cuida que lhe faz sentir-se firmemente sustentada, podendo definir-se corporalmente. Depende totalmente do outro para reconhecer sua existência.

Surge o sentimento de posse. A criança sente o que é seu: seu corpo, seu território. Pode, então, começar a estabelecer trocas com o meio externo, dando e recebendo.

De posse de seu corpo, vivencia a **Identidade Orgânica**. Passa a experimentar um movimento de expansão, ampliando sua motricidade com total autonomia corporal.

Embora já haja um distanciamento da figura materna, esta ainda é a grande referência da qual o sujeito pode se afastar e aproximar novamente. Para a criança, poder ir aonde se quer e retornar, sabendo que a mãe está presente, trás segurança e confiança nos seus próprios movimentos. Tal presença é percebida tanto pelo campo visual - a criança localiza a mãe através do olhar - como pelo universo sonoro - ela chama a mãe e esta responde, bem como escuta a voz da mãe que a chama.

Na quarta etapa, a **Força**, o sujeito conecta-se com a sua potência, percebendo a própria força e canalizando sua energia para atuações específicas.

Necessita agora da lei, dos limites e das regras. A função paterna é essencial, favorecendo a estruturação da personalidade e seu encaminhamento rumo ao mundo. É a partir dos limites dados tanto pelo meio externo, como pelo outro, e da sensação da força deste outro, que a criança poder vivenciar a sensação da sua própria força e direcionar sua energia para um objetivo. Ela descobre o poder do "*não*", do impedimento, e, a partir dele, pode afirmar o "*sim*", o caminho a seguir. O outro agora é tanto obstáculo como apoio para viver no mundo.

Ao introjetar os limites e as regras, o sujeito entra em contato com suas potencialidades e possibilidades. Vive a experiência de sua **Capacidade**.

Pode, então, imaginar o que quer, mas como ainda não há uma escolha definida tem a possibilidade de visualizar todas as formas de investimento de sua energia no mundo. É a fase do sonho, da fantasia, quando a energia criativa flui livremente, sem a necessidade de um direcionamento específico. Aqui as possibilidades são maleáveis e podem ser modificadas a qualquer instante.

Chega, então, o momento de optar. A nova fase, o Conceito, fala das escolhas conscientes, do inevitável confronto com a realidade ao se passar das idéias para a ação.

O sujeito confronta seu desejo com a realidade e, ao tentar colocá-lo em prática, com as contradições entre a imagem simbólica (idealizada) com a imagem real (o que é possível fazer).

A escolha de uma possibilidade do momento presente exclui todas as demais possibilidades existentes. A perda das outras possibilidades leva ao luto intrínseco à escolha: ao se escolher uma possibilidade, dá-se adeus a todas as outras. Uma vez que a escolha se realizou, nem sempre é possível voltar atrás.

Quando a energia pode encarnar, ganhar uma forma, o sujeito passa da idealização para o concreto, com todos os obstáculos existentes na realidade. Vai de encontro ao mundo real. Vive a Expressão do seu desejo.

A possibilidade da expressão, do fazer concreto, está intrinsecamente relacionada com a maneira com que os outros pontos do Círculo foram vivenciadas. O sujeito pode "*pedir o que quer, ir ao encontro do objeto de amor e o pegar, fazer o que planejou*" (9).

Depara-se com a reação do outro, não necessariamente previsível. Faz-se necessário arriscar para poder realizar o que quer. Tal risco só pode ser vivenciado se o sujeito for capaz de aceitar a eventual recusa e ser capaz de recomeçar novamente.

A partir da concretização de seu desejo entra em contato com o que sente: vivencia o Sentimento, que se conecta à ação.

Vivencia a qualidade de sua experiência e colhe os frutos de sua realização. Vive a satisfação do encontro com o outro no mundo e a entrega que possibilita este acontecimento. É capaz de fundir-se com o outro, mas sem perder a sua identidade. Contata com sua vulnerabilidade, visto que há uma "*abertura do coração*" para o outro.

Chega finalmente ao momento da Orgonomia, quando o sujeito percebe-se como parte de um todo maior.

Trata-se de um retorno ao estado original de completude, onde se vive o todo, mas com a consciência de si. Aqui, "*não há questionamentos, nem ação, é simplesmente um estado de prazer e de bem estar independente*" (10). Vive a completude na sensação de pertencimento ao cosmos.

Toda vez que o Círculo se fecha, acaba por se abrir novamente a partir de uma nova necessidade.

CORRELAÇÃO ENTRE OS CICLOS ARQUETÍPICOS E O CÍRCULO PSICO-ORGÂNICO

Correlacionando os Ciclos Arquetípicos ao Círculo Psico-Orgânico percebe-se que ambos partem de um estado de indiferenciação total, no qual a criança está mergulhada.

Do ponto 1 ao 6, - primeira parte do Círculo Psico-Orgânico - o desenvolvimento centra-se no Eu, de forma que a energia se concentra na separação do sujeito de seu objeto de amor, da saída de um estado de dependência absoluta (ponto 1) para a internalização da Lei (ponto 6). Ao percorrer essas etapas, se diferencia das figuras parentais e constrói uma identidade própria.

Estes pontos do círculo inserem-se nas dinâmicas:

- Ouróbórica (vivencia da Indiferenciação) - Ponto 1: Necessidade;
- Matriarcal (que dá início ao processo de adaptação à vida e à satisfação das necessidades básicas) - Ponto 2: Acumulação e Ponto 3: Identidade Orgânica;
- Patriarcal (onde se estabelece as bases para o desenvolvimento da consciência) - Ponto 4: Força, Ponto 5: Capacidade e Ponto 6: Conceito.

Entre os Pontos 5 e 6, o sujeito passa pela Jornada do Herói. Há uma escolha entre permanecer nos reinos da Grande Mãe e do Pai, ou seguir o Chamado, rumo à sua própria "expressão no mundo" (11) e à Individuação.

Dos Pontos 7 ao 9, o foco do desenvolvimento passa a ser a relação com o Outro. A fronteira entre o sujeito e o objeto de amor se dissolve e ocorre o desaparecimento do eu na união com o Cosmos.

Tais pontos inserem-se nas seguintes Dinâmicas:

- Alteridade (onde o sujeito pode fundir-se com o outro, mas sem perder a sua individualidade) - Ponto 7: Expressão e Ponto 8: Sentimento;
- Cósmica (volta ao todo, mas mantendo a consciência do eu.) - Ponto 9.

OS CICLOS ARQUETÍPICOS E O CÍRCULO PSICO-ORGÂNICO NA ARTETERAPIA

Ouróboros/Ponto da Necessidade - caracterizados pela indiferenciação. Vivencia-se a ausência de limites corporais: não há percepção do próprio corpo, que é parte do ambiente ou do outro.

Os movimentos são quase imperceptíveis, lentos e fluidos. Observamos estes movimentos em processos de regressão profunda. É comum a vivência de sensações semelhantes ao universo uterino, muitas vezes acompanhado do desejo de dissolver e ser absorvido pelo todo.

Plasticamente, a criança vivencia a fase da Garatuja Desordenada (12): não há consciência do material plástico por ela utilizado, do seu próprio movimento e do rabisco por ela deixado nas mais diversas superfícies. O mesmo ocorre com a utilização de tintas: há interesse na exploração do material, mas não há intenção de deixar qualquer tipo de registro.

Na representação plástica do adulto, as imagens que chegam neste momento, em geral, não têm forma. São indiferenciadas - tudo se mistura: não há estrutura, tempo e espaço.

Encontram-se também imagens referentes às profundezas: abismos, vales, fundo do mar, lagos, poços, interior da terra, mundo interior, caverna, casas, ninhos, conchas ... Compartimentos que têm a finalidade de envolver para proteger e lugares de refúgio onde a vida concentra-se para se transformar.

No trabalho com máscaras, o uso das Máscaras Neutras (13) leva a vivências regressivas. Diante do rosto sem contornos precisos e da visão difusa, os movimentos realizados são, em geral, circulares e "para dentro". O sujeito fecha-se em si mesmo ou coloca-se em posição fetal. Muitas vezes busca-se o apoio do chão, da parede, de almofadas, de bolas grandes. Surgem sensações de leveza, de estar na água, de flutuação.



Aguada de Nanquim sobre papel

Músicas regressivas, descendentes e introspectivas, assim como algumas técnicas que focalizam o movimento indiferenciado (realizado com tinta aguada sobre papel) e o trabalho com a água (mergulho, flutuação), que é regressivo por si só, favorecem o contato com este momento.

Ecoline ou aqualine, ou pigmento de xadrez líquido, ou de nanquim coloridos pingados em papel canson com água; ou o sopro de tinta com canudo em canson umedecido; ou a brincadeira de escorrer a diluição de nanquim no álcool sobre o papel canson; ou os trabalhos desenvolvidos através da monotipia; ou a cera derretida jogada aleatoriamente sobre o papel; ou a técnica de dobragem com anilina em pó sobre plástico com cola; ou ainda o papel marcado pela fumaça ou chama de uma vela; ou seja, os trabalhos com manchas, sem formas figurativas, trazem o indiferenciado, permitindo um mergulho profundo no inconsciente. Trata-se de atividades em que não se tem controle sobre o que faz nem sobre as imagens que surgem no papel. Cabe ao sujeito somente acompanhá-las.

Na escrita espontânea, as histórias trazem conteúdos semelhantes ao início dos mitos de criação. É, também, comum a representação de imagens vinculadas ao tema do aborto.

No trabalho com o toque focaliza-se o toque ontológico, que trás a sensação de existência.

Dinâmica Matriarcal - nesta fase podemos observar o corpo desabrochando. O sujeito começa a explorar as possibilidades sensoriais e a conhecer o próprio corpo. Há predominância das sensações corporais de prazer e dor. Desenvolve a sensibilidade de tocar e ser tocado, acolhendo a si próprio e ao outro. Contata com a energia geradora do Feminino que aconchega e nutre.

As vivências de entrega, de abandonar-se ao outro, induzem ao universo matriarcal. Os movimentos são flexíveis, leves, suaves e harmônicos: fluem e deslizam, permitindo um fluxo energético contínuo. A sinuosidade e a sensualidade, atributos do Feminino, também caracterizam o movimento.

Quando se focaliza o ponto da **Acumulação** numa vivência, torna-se possível conectar com um espaço protetor, de abastecimento, onde se pode abandonar a si mesmo com segurança confiando no outro, soltar todo o peso e relaxar.

O sujeito brinca com o próprio corpo e com o corpo do outro, porém, mantém-se junto ao solo (Mãe Terra). Focalizando o movimento, busca-se o prazer no deslocamento: rolar, arrastar, engatinhar, abrir, fechar. A vivência corporal de abertura e de fechamento traz as noções de espaço aberto e fechado. Bases da construção das noções de espaço interno e externo: eu e não-eu.

Pode se introduzir objetos como mediadores simbólicos da relação com o outro: bolas, panos, cordas, aros, almofadas, balões etc. Estes são, neste momento, utilizados de forma sensorial, na relação corpo/objeto.

Neste contexto, no uso de panos, observa-se o movimento de cobrir, esconder, enrolar, aparecer, desaparecer. Com cordas, a aproximação e o afastamento, a união e a distância; os movimentos de segurar e amarrar. Com aros, o espaço circular fechado que permite o entrar e o sair; trazendo a sensação de estar dentro, contido ou fora; e, também, o rolar, o soltar (dar, devolver), o capturar (pegar de volta). Com balões, experimenta-se a leveza através do contato agradável, afetivo e sensual. Com

almofadas, ora se pode cobrir e fazer desaparecer; ora refugiar-se, esconder-se; ora descansar, repousar e soltar o peso. Com bolas estabelece-se o vínculo através do rolar: vão e voltam, aproximam-se e afastam-se; podem ser abraçadas, permitindo a regressão, o movimento de embalo, o descanso.

No trabalho com o toque, as técnicas de massagem focalizam o contorno.

O uso de diferentes texturas leva a algum tipo de impressão sensorial, podendo trazer lembranças ou a emergência de imagens inconscientes. Tal trabalho acontece na exploração de diferentes superfícies: lisas, ásperas, enrugadas, esponjosas, crespadas, aveludadas, acetinadas, felpudas, granuladas, onduladas etc. - podendo ser realizado tanto corporal como plasticamente.



Sandplay: a Caixa de Areia

Na água, símbolo da Grande Mãe, o trabalho com os contrastes, quente (dando continuidade ao calor dentro e fora do corpo) e frio (afirmando os limites do corpo), trazem a delimitação corporal.

Sandplay, o trabalho na caixa de areia, é interessante nesta fase, visto que há a associação de um espaço delimitado (caixa), onde está contida a matéria (areia) e objetos, favorecendo o nascimento da representação de conteúdos profundos. O terapeuta dá espaço para que o paciente possa criar cenas ou desenhos se utilizando o material.

Integrando água e areia, uma dá limite para outra e cria-se a possibilidade de construir.

O desenho com linhas no espaço, cordas coloridas, lãs, barbantes, liga, envolve, estabelece vínculos. Os fios se encontram, se embolam, formam um grande emaranhado. Depois seguem ao encontro de outros espaços, outros fios.

A Colagem é uma atividade multiplicadora. Quando se trabalha com figuras previamente recortadas entra-se em contato com uma infinidade de símbolos muitas vezes sem consciência de seu significado. Colar é ligar uma coisa à outra. Estabelece um vínculo.

A argila, outro símbolo da Grande Mãe, dá forma a conteúdos inconscientes. Mobiliza a parte sensitiva do sujeito de forma a possibilitar o contato com outras sensações diferentes da visual. Permite a construção tridimensional e possibilita a regressão, principalmente quando trabalhada com os olhos fechados. Já quando se utiliza argila molhada, enlameada, escorregadia, possibilita-se a vivência da sensualidade do contato.

Ainda usando a argila, a ocagem (14) da peça modelada permite o trabalho com o esvaziamento, mantendo-se o continente. A peça é aberta por dentro, escavada e, por fim, reconstruída. Nesse espaço interno outras coisas podem ser modeladas e guardadas; pode-se tirar de dentro o que não se quer mais e jogar fora, ou atribuir novas formas a esses conteúdos e recoloca-los de outro jeito.

Na relação com o material plástico as noções de muito e pouco e seus efeitos tornam-se evidentes e relevantes neste momento. Excesso de material confunde, insuficiência trás a impossibilidade de criação.

Na música, integrada ao movimento corporal, trabalha-se o ritmo. Este trás a velocidade na progressão e na regressão do movimento (movimentos mais rápidos, movimentos mais lentos).

Também focaliza a aproximação e o distanciamento (mais perto, mais longe).

Chegando à **Identidade Orgânica**, a roda - símbolo de unidade e totalidade - é um grande marco. A dança de mãos dadas simboliza a confiança e o apoio mútuo. Trás um espaço sem hierarquia nem competição. Nas Danças Circulares uma pessoa é o referencial do movimento proposto, mas este é realizado individualmente pelo sujeito que acompanha a proposta dada.

A aproximação e o afastamento se fazem presente. O movimento ora vai de encontro ao outro e ao grupo, ora é de total retraimento. Ainda há uma forte dependência do terapeuta ou facilitador do trabalho, que é solicitado diretamente ou simplesmente buscado com o olhar.

A relação com o objeto enquanto mediador se modifica. O foco é o objeto em si e não mais a relação corpo/objeto. Este passa a ser utilizado no movimento visando o distanciamento corporal.

Faz-se importante focalizar o trabalho com o espaço, o que favorece a consciência de si. É no espaço, seja ele concreto (físico) ou simbólico (gráfico), que se fortalece a identidade, possibilitando a autenticidade do sujeito.



Artemis: Modelagem em Argila

A separação de sementes, contas e outros materiais - mistura de vários objetos - fala da capacidade de discernir uma coisa da outra, trazendo reconhecimento do que é nosso e do que não é. O sujeito agrupa o material de acordo com a sua qualidade e o transforma.

Processo semelhante ocorre na utilização de teares simples. Armá-lo trás a preparação para criar o instrumento que permitirá construir a própria história. Quando pronto, o tear oferece uma forma pré-estabelecida (moldura) que será preenchida da forma escolhida pelo sujeito. É, então, preciso separar os fios para integrá-los de uma nova maneira. Tecendo criam-se ligações nas linhas que se entrelaçam e vínculos nos nós. Destecendo, voltamos atrás nas ligações estabelecidas, desfazem-se os vínculos.



Pintura Corporal

A pintura no próprio corpo e no corpo do outro remete às sociedades primitivas e ao trabalho com ritos, de forma que o desenrolar das atividades levam a rituais e danças tribais. A pintura vai se gerando sobre a própria pele ou sobre o outro, permitindo um contato sensual pelo escorregar das mãos e dos dedos. Nesse contato o sujeito pode imprimir no corpo do outro a sua marca, o seu traço, outras partes de seu próprio corpo.

Trabalhando com pintura sobre o rosto, criam-se máscaras. A maquiagem no rosto consiste na aplicação de vários cremes, bases e tintas de diferentes cores. É necessário conectar-se com a imagem do rosto no espelho, com os traços e marcas que o tempo deixou. Algumas pessoas ficam fascinadas com a máscara pintada, outras querem arrancá-la instantaneamente para reencontrar seus traços conhecidos.

No trabalho com máscaras, enfatiza-se a construção com os mais diversos materiais: papelão, argila, madeira, látex, papier-marché, sabonete, gesso etc. Estas podem sugerir um personagem com rostos com traços definidos ou uma sensação, trazendo somente cores e traços.

O mesmo ocorre com o teatro: o foco é a construção de personagens que permite ao sujeito assumir diferentes papéis, promovendo a formação e fortalecimento da identidade.

Já na música, o trabalho com o som trás a projeção de si para o espaço externo, enchendo-o com a presença do eu, expandindo e dando volume, afirmando a identidade. O som, quer seja realizado com instrumentos ou com a voz, se prolonga para outros espaços, podendo agregar-se a outros sons. O uso de instrumentos musicais pode trazer uma grande confusão e desorganização que, aos poucos, vai sendo substituída por uma nova estrutura.

No desenho, na etapa de Acumulação, a criança começa a controlar seu movimento, buscando limitá-lo ao tamanho do papel. Agora ela tem a consciência de que o lápis deixa um traço sobre a superfície e experimenta este movimento das mais diversas formas. Passa para a fase da Garatuja Controlada. Já ao utilizar tintas, a criança preocupa-se em espalhá-la sobre o papel, cobrindo a folha com as cores.

Chegando a fase da Identidade Orgânica, a criança atribui nome às suas garatujas, passando à fase de Garatuja Identificada. No final desta fase aparecem as primeiras linhas circulares, que são movimentos executados com todo o braço. Surgem, então, espirais e caracóis, que nascem de dentro para fora e de fora para dentro.

A criança desenha a sua primeira forma: o círculo, marcando a percepção de si como ser independente. Símbolo do Self, o círculo representa a totalidade psíquica, trazendo a noção de continuidade, estabilidade e movimento. Esta se apropria de um conteúdo ao ser nomeada, ganhando uma identidade.

No uso de tintas, seu propósito é deixar marcas, as quais pode ou não nomear.

Na representação plástica do adulto observa-se que a qualidade do traço se caracteriza pela fluidez das linhas, pelo ondulamento, pelas curvas, pelo movimento espiralado, e pela forma circular. A ligação entre as representações gráficas no espaço se dá pela proximidade e interdependência - superposição (onde o limite e a imagem se fundem, ficando inseparáveis). As linhas sugerem a sensualidade, a emotividade, a instabilidade, a calma.



Pastel Óleo sobre papel

É comum encontrarmos representações implícitas, sugerindo ao invés de afirmar. As imagens tendem à abstração, as formas podem se tornar ambíguas e de difícil definição.

Acentua-se a unicidade, sendo que as representações perdem o sentido fora do conjunto da obra. As linhas de contorno são somente sugeridas, de forma que as representações de superfícies abertas são comuns. Não há delimitação do espaço interior da área do desenho, que permanece fixo a uma

determinada faixa, onde se pode observar os espaços internos e externos. Os limites são implícitos. A tônica da atividade plástica é sensorio-afetiva e emocional. Há simbolização, mas sem abstração e conceituação. Percebe-se o relacionamento entre as representações, a imaginação, a associação e as múltiplas ligações estabelecidas. Cores e linhas predominam a formas.

A harmonia acontece na relação entre as cores e os elementos representados. O equilíbrio é funcional: observa-se, nas áreas ocupadas do plano, partes desiguais fisicamente, mas que se compensam pela equivalência existente entre elas.

Durante esta etapa do Ciclo não se prioriza o material linear. Preferencialmente propõe-se o trabalho com as mãos, no qual todo o corpo participa. A pintura a dedo sob papel é, portanto, um material interessante.

Quando se propõe desenhos utiliza-se os pastéis secos e a óleo, o carvão vegetal, o lápis sanguínea, os lápis aquarelados.

O suporte gráfico deve ser grande, permitindo muito movimento. Pode também ser maleável (panos em diferentes texturas).

Com relação à música, neste período, estas estimulam o contato. Ora vinculam-se ao ritmo binário (batimento cardíaco); ora ao movimento de embalo e ao toque, adquirindo uma tonalidade sensorio-afetiva; ora à sensualidade e à sinuosidade, movimentos característicos do Feminino.

A escrita espontânea traz conteúdos vinculados aos arquétipos da Grande Mãe e da Criança Interior em todos os seus aspectos. Os temas enfatizam a natureza indefesa e carente da criança e o lado protetor da mãe, girando em torno do acolhimento, da proteção, do abandono, da rejeição, da aceitação incondicional do outro, da regressão, da perseguição, da superproteção.

Dinâmica Patriarcal - nesta fase a maior consciência corporal facilita o processo de diferenciação que leva a Individualização. O corpo torna-se um instrumento para exercer a força do Ego - que determina as ações - e o movimento é projetado no espaço e aprimorado: busca-se o domínio, a precisão, o ímpeto e a firmeza na realização do mesmo. Cada um busca uma forma própria de expressão que marca sua identidade e individualidade.

Devido à crescente consciência corporal, o sujeito reconhece a facilidade e a dificuldade na realização do movimento, identificando pontos de maior tensão.

No que se refere a cada fase do Círculo Psico-Orgânico, na etapa da Força, o espaço é demarcado, delimitando-se o espaço individual, mesmo na proposta grupal. O movimento é determinado e decidido, muitas vezes direcionado para um foco.

As vivências induzem ao reforço da identidade, à força, ao poder, à motivação, à capacidade e à coragem. Os jogos e brincadeiras corporais se dão na posição ereta.

No uso do espaço, pode-se vivenciar obstáculos a serem ultrapassados, pelo salto, ou arrastando-se por baixo destes.

As almofadas, agora, são utilizadas para soltar a raiva e a agressividade, socando, chutando, batendo. O mesmo pode acontecer com as bolas que podem ser perseguidas, apanhadas, golpeadas, arremessadas, cair em buracos e cestos, passar entre balizas. Todos os jogos de luta e combate fazem parte deste momento.

Prioriza-se materiais que possibilitam a expressão linear (lápis de cor, lápis preto, pillot) para a criação de desenhos, pois facilitam a definição da forma.

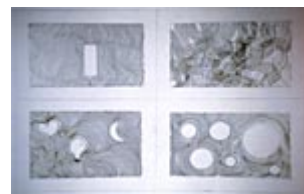
Entre estes se destaca o giz de cera (no formato de lápis ou de tijolos), que por sua constituição, empresta sua força para o sujeito resistindo à pressão intensa. A sobreposição de nanquim sobre a folha pintada com esse material para a criação de um desenho com objeto pontiagudo é uma técnica interessante, visto que se não houver pressão no colorir, não é possível a absorção do nanquim nem a criação da imagem posterior.

Trabalhar com limites também faz parte desta fase. O simples fato de sugerir a criação de uma imagem a partir de uma linha no papel, já reduz as infinitas possibilidades de criação.

O uso de contornos estabelece o limite entre alguma coisa que termina e outra que começa. Tanto a proposta do uso de contornos previamente delimitados com os mais diversos materiais, como os moldes vazados ou a definição da forma pelo espaço vazio através da pintura envolta, e, também, o trabalho com o positivo e o negativo (interior e exterior), favorecem a vivência de domínio e controle.

O Desenho Ditado requer atenção tanto às solicitações realizadas quanto à localização das formas no espaço. E o desenho com obstáculos, seja ele realizado com formas figurativas ou não, fala das barreiras intransponíveis e da necessidade de buscar outros caminhos.

Também a técnica de reservar uma área da folha com fita crep ou outro material, assim como a técnica de resistência à cera de vela, ou a de mascarar o papel reservando áreas na qual a tinta não penetra têm objetivos semelhantes. No último caso, porém, o limite não é explícito, mas descoberto durante a realização da atividade.



Linhas criando vários contornos ao redor de obstáculos: pilot preto sobre papel

Já ao solicitar a interpretação de um mesmo trabalho através das tonalidades de cores preto, branco e cinza, exercita-se a disciplina, a obediência e o rigor.

O tamanho do suporte gráfico e o formato dado a este trazem, por si só, um limite prévio. Agora este pode ser reduzido ou ampliado de acordo com a proposta do trabalho.

O tempo estipulado para a realização de uma determinada proposta - seja ela livre ou não - também marca o limite.

Recortar, colar e sobrepor se adequam a este momento. Recortar é dar forma, requerendo coordenação motora e paciência. É interessante utilizar vários tipos de espessuras nos papéis para esta atividade, assim como tesouras com lâminas variadas.

O trabalho com o entalhe e a escultura em madeira e pedra impõe a obediência a partir da resistência do material, uma vez que não se pode voltar atrás no que foi retirado. Ao tirar trabalha-se o desapego.

A estrutura com arame - material frio e resistente, que pode ser amassado, dobrado e cortado - trás o trabalho com ângulos e o reconhecimento dos limites. O arame se flexibiliza, mas com bastante dificuldade.

No trabalho teatral focaliza-se as técnicas do Teatro do Oprimido (15), propiciando o confronto entre diferentes personagens, cada qual com sua forma de ser e o seu ponto de vista.

Com música, seguir um ritmo pré-determinado tanto no uso de instrumentos, na dança ou no trabalho plástico obriga a adequar o fazer a possibilidade dada pelo meio externo, obrigando a obediência à norma.

Na fase da **Capacidade** há percepção do que se pode realizar com o corpo e a previsão do movimento se faz possível. Neste momento é interessante associar o trabalho corporal à imagem, de forma a trazer a imagem para o movimento.

Plasticamente, a escolha de todas as imagens que parecem interessantes ou chamam a atenção estimula o contato com múltiplas possibilidades. O mesmo ocorre quando se propõe composições integrando imagens de trabalhos já realizados, partes de gravuras e/ou fotos, compondo um novo trabalho. Tal processo leva a a visualização de novas possibilidades.

A Amplificação da imagem, seja por meio do trabalho plástico, corporal, cênico ou literário, facilita a percepção de novos pontos de vista.

Também as técnicas de associação, tanto verbal como plasticamente têm esse objetivo. Plasticamente, a partir de uma imagem central de onde partem fios, pode-se sugerir a busca de outras imagens associadas a esta ou ainda a outras imagens que se associam à primeira.

Retirar um objeto, pessoa ou animal de uma figura transferindo para uma outra folha e criar-lhe um novo contexto; ou recortar parte de uma imagem trazendo conteúdos que saem de dentro desta; ou as técnicas de Desenho Raio X , propiciam o contato com o imaginário.

Sugerir fazer de outra forma uma representação plástica, um personagem ou um movimento trás possibilidades diferentes para uma mesma situação. O mesmo ocorre quando se pede para contar uma história de outro jeito ou criar uma parte desta. Outros pontos de vista surgem nessas atividades e podem ser considerados.



*A Ponte: imagens do passado que se quer
deixar e do futuro que se deseja
construir
(Colagem e Pastel Óleo)*

As técnicas que trazem imagens do futuro a curto, médio e longo prazo, bem como aquelas que permitem a visualização de novas possibilidades para o momento presente, são adequadas nesta fase.

Estimula-se a fantasia e a criatividade, indo do figurativo para a abstração.

O momento seguinte, o **Conceito**, é a fase da escolha: escolher com quem se deseja vivenciar algo específico, escolher dentre todos os materiais aquele que se deseja trabalhar.

A limitação a partir da escolha favorece a definição. Solicitar que o sujeito escolha várias imagens ou outros materiais, deixando uma parte destes e trabalhando com a outra, obriga uma escolha consciente. Tal proposta pode se dar tanto de uma forma direta - na solicitação para a re-seleção de parte do material; como indireta - na utilização de um suporte que não permite a utilização de todo o material selecionado.

O mesmo ocorre com a escrita de palavras soltas associadas a algo pré-estabelecido, para posteriormente selecionar algumas para a criação de uma história ou poema.

Todas as técnicas que trabalham os contrastes ajudam a colocar uma questão em evidência e a diferenciar a partir dos opostos que se excluem. Trabalhar com opostos trás a generalização e a comparação, elementos intrínsecos ao processo de separação.



Contraste

Usando o fogo, queimar aquilo que não se quer mais numa fogueira ou nas chamas branda de uma vela, deixando o vento carregar as cinzas, reafirma as escolhas.

Retirar o excesso de tinta com esponja ou algodão; de papéis em colagem aleatória com papéis de ceda colorido; em ambos, deixando somente o essencial, também ajuda a delimitar o campo do desejo.

A construção de histórias a partir das possibilidades de ação dos personagens obriga a uma escolha, trazendo a avaliação das conseqüências das mesmas.

Com teatro, a técnica do Psicodrama Pedagógico trás a delimitação física - espaço protegido para se mergulhar no personagem - e a delimitação da ação - congelamento da cena. Requer atenção ao roteiro previamente criado e ao estudo do personagem.

No trabalho com máscaras, usa-se máscaras prontas de diferentes modelos e materiais. Cabe o sujeito escolher com qual deseja trabalhar. Aqui a escolha implica num processo psíquico de aceitação e recusa. Conteúdos são projetados sobre as máscaras. Algumas fascinam e outras causam profunda repulsa. Tal escolha pode se dar para diferentes propostas: construção de personagem, encenação, expressão corporal, imaginação ativa, escrita espontânea.

A representação plástica com modelos originais de objetos, de pessoas, de situações, da realidade ou de um espaço, realizadas a partir da observação direta destes sob vários ângulos e aspectos, refere-se tanto aos aspectos formais e normativos - cores, formas, a harmonia ou não, as proporções, a orientação, a colocação e a organização espacial. Trás a possibilidade de ver de outra forma, considerando novas posições.

Ao contrário da etapa anterior, trabalhar o processo da abstração para a figuração coloca o sujeito frente ao concreto, à realidade objetiva. Parte-se da imaginação para a realização: "... *imaginar é um pensar específico para um fazer concreto*" (16).

Na representação plástica, na medida em que a criança adquire a noção de si mesma, passa a operar, interferir, representar, estabelecer analogias, semelhanças e diferenças. Chega à fase Pré-Esquemática. Esta é marcada pela representação de formas soltas e dispersas no papel, mostrando a incapacidade de relacionar os elementos no espaço. Seu desenho é realizado em etapas: parte por parte até formar uma figura. Ela pode hierarquizar o espaço, dividindo-o e separando seus elementos.

Aqui, se junta ao movimento do círculo outras formas geométricas, trazendo o dinamismo (triângulo) e a instabilidade (triângulo apoiado sob uma de suas ápices); o equilíbrio e a imobilidade (quadrado, retângulo). Aparecem também as representações com duas perpendiculares: horizontal e vertical, posteriormente, as linhas oblíquas (ângulos).

O uso de formas concretas mostra diferentes conteúdos que são constantemente modificados na mudança das formas representadas. Pode-se observá-los tanto na utilização de materiais lineares como no uso de tintas.

As relações de tamanho (pequeno e grande) e de posição (em cima, em baixo, no meio) são retratadas no espaço.

No uso da modelagem observa-se a bidimensionalidade: figuras que se apóiam na superfície, ficando "deitadas" sobre ela.

Na fase da Capacidade a criança aprimora suas formas e, quando chega ao Conceito passa para a fase Esquemática. Esta é marcada por uma tomada de posição frente o mundo exterior. A criança já tem um conceito próprio do que está ao seu redor, que será modificado por novas experiências. Usa-se da realidade como ponto de partida para o imaginário.

Isso se evidencia nos desenhos através de: a. uma ordem definida do espaço, onde as relações espaciais são representadas pela linha de base ou linha terra - simbolizando tanto a base onde as coisas são colocadas, como a superfície do terreno; e b) modificação da sua forma de desenhar, passando a representar um todo integrado, marcado pela continuidade da linha de contorno.

O conceito definido da figura e do meio é representado através do "esquema puro", que não expressa nenhuma experiência intencional. A riqueza do esquema, os detalhes, dependerão da personalidade de cada criança e da passagem pelas etapas anteriores.

Aqui a criança vincula a cor ao objeto, de acordo com as convenções e organizações pré-estabelecidas.

Um recurso bastante utilizado neste momento é a dobragem, quando a criança desenha de um lado e do outro da folha de papel, expressando a visão de um lado e de outro da cena. Também o desenho Raio X, onde desenha o que imagina estar dentro de uma determinada forma, é bastante utilizado.

Na modelagem, surge a tridimensionalidade: formas que se apóiam uma sobre outra.

Com o desenrolar do desenvolvimento, a criança não mais representa com base na observação visual, mas na realidade sentida e caracterizada por si mesma: chega ao Realismo. Não sentido mais a necessidade de esquemas, concebe planos, sobrepondo as imagens (coloca uma sobre a outra).

Somente nesta fase adquire consciência de superposição. Desenha, por exemplo, árvores que superpõem ao próprio céu, quando antes desenhava uma ao lado da outra.

Torna-se, então, capaz de utilizar-se dos efeitos de luz, sombra e distância: passa para a fase do Pseudonaturalismo.



*Risco com Agulha em
Papel Craft sobre guache preto.
Desenho com pastel seco e giz.*

No adulto a qualidade do traço é marcada pela forma e pelas linhas, rigidamente definidas, delimitando o espaço, contendo e estabilizando o movimento. Surgem retas horizontais, verticais e diagonais.

As linhas horizontais e verticais são estáticas, marcando a ausência de movimento. As primeiras sugerem a posição deitada, dando a idéia de sono, repouso, morte, calma e imobilidade. As segundas sugerem a postura humana, a posição em pé. Já as diagonais são mais dinâmicas e, embora não sejam fluidas, sugerem o movimento.

A linha de contorno surge representada no espaço, definindo a superfície claramente, permitindo a percepção de espaço interno e externo. A superfície fechada pode ser representada em diferentes áreas do espaço, sem perder seu significado. Os limites são explícitos. A justaposição é, pois, a forma de relacionamento entre as representações: componentes individuais e separáveis que podem existir independentes da situação em que são vistos.

Encontra-se aqui o uso de perspectiva, a esquematização ou a normatização racional de dados no espaço, trazendo uma visão racionalista do mesmo, estritamente focal e individualizada.

Busca-se o equilíbrio racional das formas e cores. O foco está nos detalhes colocados no todo. Não se observam formas e cores contrastantes, visto que nesta fase os opostos são excludentes: somente uma faceta do símbolo aparece representada. Obtém-se um "equilíbrio mecânico" das formas através da subdivisão de planos em partes justapostas e iguais.

Observam-se efeitos de distanciamento, tamanhos relativos, direcionamento, alinhamento, ortogonalidade, simetria, regularidade, equidistância.

Para facilitar a expressão linear, se utiliza pincéis, lápis, penas. Estes mantêm um distanciamento entre sujeito e obra.

Os suportes gráficos trazem superfícies rígidas que podem ser organizadas em formatos diversos. Além do papel em diferentes espessuras, pode-se usar o papelão e a madeira.

As músicas utilizadas são ascendentes, tendo o ritmo bem marcado. Reforçam a identidade, a assertividade, a determinação.

Os conteúdos das escritas espontâneas vinculam-se aos arquétipos do Pai e do Herói, aos mitos posteriores ao surgimento da consciência. Os temas abordam a ordenação, a vida civilizada, a oposição, a destruição, o devoramento, os conflitos morais, a culpa, a competitividade, as tradições, o respeito à autoridade, a propriedade, a justiça, o dever, o cumprimento das obrigações e da palavra dada. Já a jornada do herói fala do nascimento difícil, da luta pela sobrevivência, da missão a cumprir, do encontro com a morte, da hybris (17), do métron (18).

Alteridade - nesta fase ocorre a descoberta das possibilidades de expressão através da troca. Há um encontro com o outro, onde se estabelece um diálogo corporal, sem que se imponha um movimento nem se deixe levar pelo movimento do outro. O movimento é tanto influenciado pelo outro, como pelo meio, recebendo influência de ambos, mas também os influencia.

O outro é percebido como um igual, com quem "*através dos olhos - o espelho da alma, eu conecto meu outro e me torno uno com ele. 'Eu te reconheço' é o contato, é a rendição, onde eu me mostro, me entrego*" ... *Mas na vida precisamos expandir ... 'Eu te dou passagem' e continuo a caminhada. 'Eu sigo meu caminho ...'*" (19). E eu "*Olho no teu olho... Vejo o que você faz... Voltar a mim é a minha diferença*" (20).

O amadurecimento da consciência corporal relativiza os opostos, de forma que é possível sentir-se bem, mas consciente da própria dificuldade, dor ou insatisfação.

O reconhecimento da "*Alteridade da Psique*" facilita o trabalho com a técnica da Imaginação Ativa, onde o Ego participa da cena, mas não rege os acontecimentos que se desenrolam. Consciente e inconsciente podem, então, travar um diálogo onde o Ego faz as perguntas e os diferentes personagens do universo inconsciente, as responde.

Na **Expressão**, o sujeito vai de encontro ao mundo e ao outro. A vivência corporal se expande, ocorrendo uma conexão tanto com os níveis mais densos e concretos da matéria sólida, como com a percepção dos níveis mais sutis do corpo como fonte de energia. Isso possibilita a troca em diferentes instâncias, não mais se vivencia pólos distintos, mas gradações sutis entre um pólo e outro.

Os trabalhos de integração grupal que privilegiam o encontro com o outro ou com o grupo através da música e do movimento são priorizados neste momento.

A construção com blocos de madeira, tapete emborrachado, lego, almofadas etc, assim como o uso de tijolos de argila com massa corrida ou água, gesso, papier maché, massa de modelar em várias texturas concretizam a ação. Entre as múltiplas técnicas destaca-se o trabalho com móveis, onde o equilíbrio das formas se faz essencial.

No uso de máscaras, focaliza-se a interação com o outro, buscando a percepção dos personagens que atraem - com quem se quer compartilhar algo, e dos que causam repulsa - com os quais não se deseja interagir. Faz-se importante observar o diálogo tônico e verbal que se trava entre esses diferentes personagens.

A escolha de várias máscaras aliada à técnica de escrita espontânea, permite o diálogo entre várias facetas de si mesmo.

Aqui se retorna a questão da delimitação. Agora se faz possível perceber que "a própria aceitação de limites - das delimitações que existem em todos os fenômenos, em nós e na matéria a ser configurada por nós - é o que nos propõe o real sentido da liberdade de criar" (21). Trata-se da real aceitação dos limites.



*Diálogo Tônico:
Máscara de Pintura no Rosto*

A utilização das técnicas de esculpir em madeira e pedra focaliza agora a interação com o material: o respeito ao veio da madeira ou da pedra. O trabalho com gesso vazado tem a mesma conotação. Faz-se necessário respeitar o que é determinante na matéria para utilizá-la.

Processo semelhante ocorre com o uso de aquarelas em papel já molhado: as cores não se misturam completamente, sobrepõem-se, e o resultado final não pode ser previsto. Quando se comete um erro não há possibilidade de se voltar atrás, como em certas escolhas.

O desenho a partir de formas previamente dadas visa o trabalho com as possibilidades concretas: não há como retirar as formas, mas transformá-las e integrá-las em uma nova imagem.

Ao chegar ao **Sentimento** o sujeito vincula a ação ao sentir.

As vivências propiciam diferentes possibilidades de expressão através da troca. No movimento é possível fluir com o outro, acompanhá-lo e ser acompanhado por este. A aproximação cria um sentimento de intimidade e confiança, de forma que a entrega e a sustentação se alternam nas dinâmicas. Busca-se a

simultaneidade - fazer algo junto e ao mesmo tempo - e o equilíbrio recíproco através do diálogo corporal e do olhar.

O contato com o sentimento leva a re-significação da dor. Com esse objetivo o trabalho de arrumar a sua água - símbolo da emoção - em pote transparente com materiais diversos (pedras, areia, terra, conchas, plantas etc.), leva a um contato mais profundo com os sentimentos.

Usa-se a água para dissolver dobraduras, imagens ou cartas escritas picadas. Pode-se depois reutilizá-las (através da técnica de papier marché ou de reciclagem de papel possibilitam a transformação de conteúdos).

A água também é usada para lavar as feridas abertas com um pigmento e pincel sobre papel canson molhado. Tanto a anilina quanto a aguada de guache podem ser usadas para dissolver e lavar o que precisa ser transformado. O mesmo ocorre ao queimar o que não se quer mais no fogo brando da vela: o fogo transformador. Este não queima nem esfria, mas mantém aquecido, transformando.

Para que o verdadeiro encontro aconteça, é preciso relacionar-se com autenticidade. No uso de máscaras, é essencial ver o rosto atrás do rosto escondido. Tirar as máscaras é, simbolicamente, tirar as Personas. A técnica da construção de máscaras sobre o rosto com gases gessada é interessante nesse momento. Ao colocar o gesso sobre o rosto surge uma das muitas máscaras que se usa nas mais diversas relações. Ao descolá-la do rosto, depara-se tanto com a máscara externa - o que se coloca para fora, visível para o outro, como com o seu lado interior, "a máscara interna" - com aquilo que ela esconde.

Juntar pedaços do caminho percorrido também faz parte deste momento do Ciclo. As técnicas de trabalho com a linha da vida facilitam a lembrança dessa trajetória. Já o trabalho com genogramas e árvores genealógicas representados através de cores e símbolos fala dos vínculos e das relações estabelecidas.

A pintura, com os mais diversos materiais, facilita que a emoção flua livremente. Quanto mais aguada maior é a carga emocional, visto que o controle do material é dificultado.

Cor e emoção têm uma ligação direta. É através da cor que obtemos o impacto expressivo. A cor se vincula ao estado emocional, enquanto a forma se liga muito mais ao racional. A cor dá vida às coisas, tendo uma linguagem e simbologia própria. A análise das cores utilizadas numa obra fala diretamente do lugar do sentimento e da emoção.



Máscara Gessada

Todo trabalho realizado com a cor pura (uma única cor), assim como as técnicas de escurecimento ou de clareamento de superfícies com tintas, intensificam a sensação da cor e, conseqüentemente, a sensação das emoções.

Cabem aqui as técnicas de construção de mosaico, a costura de retalhos de panos, a colagem com papéis coloridos ou figuras picados.

O trabalho com imagens do passado, por meio de objetos e fotografias se adequa a este momento, visto carregam imagens que trazem lembranças e desencadeiam emoções e sensações vividas. Remetem a um tempo-espaço antigo e trazem a memória de registro de fatos passados, pessoas, emoções e, por associação, outras imagens desta e de outras épocas, possibilitando o resgate e a resignificação da história pessoal. No trabalho com fotos, passado e presente se encontram, permitindo um diálogo entre o eu-hoje e o eu-ontém.

Também a sugestão de que o sujeito fotografe a partir de vivências, permite observar, através do olhar do fotógrafo, as escolhas das expressões e dos contextos. A fotografia trás a síntese do momento vivido.

Com relação à música prioriza-se as que trazem uma tonalidade afetiva. Em geral são mais regressivas e descendentes, trazendo o desejo do contato e o sentimento de fusão com o outro.



Desenho Compartilhado

Aqui a representação plástica pode ser compartilhada. Há um acordo no uso do espaço gráfico junto com o outro. O mesmo se dá com as construções com objetos, modelagem ou corporais. Existe agora a possibilidade do fazer simultâneo.

Nesta etapa do Ciclo há percepção de que o criar livremente consiste num dinâmico processo de desdobramento das limitações e de suas redefinições. As representações plásticas trazem diferentes maneiras de relacionar tanto a totalidade com o específico como os conteúdos contrastantes: a luz com a sombra, a proximidade com a distância. Busca-se a harmonia no equilíbrio; a

fluidez na assertividade; a compreensão do símbolo tanto no nível racional como afetivo. A harmonia estabelece os acordos entre as partes.

As representações trazem não só uma visão de mundo pessoal e cultural como também os valores individuais. Há, portanto, um estilo próprio e bem definido no fazer artístico, configurando dois tipos básicos de representação: visual (figurativo) caracterizado pela objetividade e pelo realismo e háptico (abstrato) caracterizado pela subjetividade e pela tonalidade afetiva.

A capacidade de espelhar o outro aparece como reflexos nas imagens.

O desenvolvimento e a realização da personalidade trás a busca da medida de si mesmo. Plasticamente, o que dá a medida das coisas é a proporção: justa relação das partes entre si e de cada parte com o todo. Relacionamentos proporcionais requerem o sentido da totalidade: capacidade de integrar as partes para entender-se como um todo.

A divisão do espaço trás a coerência das partes ao formar um todo e a simultaneidade, o movimento visual que resulta da comparação de tamanhos e posições no plano. Observa-se imagens onde coisas acontecem ao mesmo tempo e no mesmo espaço.

A escrita espontânea trata do Feminino e do Masculino em relação, retratada nos mitos ligados aos pares arquetípicos e seus múltiplos relacionamentos. Surgem histórias sobre a irmandade, a sedução, a dominação, a competição, o equilíbrio, a relação amorosa.

Cósmica/Orgonomia - é característica desta fase a percepção do corpo como parte de uma totalidade. Vivencia-se a inteireza e a completude, a harmonia, a graça e a firmeza. Misturam-se os sentimento de imortalidade com a percepção do tempo finito da encarnação.

Corpo e alma são transcendidos e diluídos em algo maior. Vivencia-se o Self, não só o Ego. Contata-se com um sentido transcendente para a vida, significando seu próprio ciclo de existência.

Estados alterados da consciência, êxtases místicos, experiências de iluminação são comuns. Estas, porém, requerem um enraizamento que levam a percepção do mundo para além da matéria. Nesse estado há uma sensação de inteireza, de presença, de lucidez e um profundo silêncio interior que produz paz, tranquilidade e equilíbrio.

Cabe aqui o trabalho de meditação - focalizando elementos da natureza (fogo, água etc.), as cores, as imagens, o movimento. Nestas vive-se um estado de contemplação. A atenção focaliza o mundo interno, permitindo um mergulho profundo em si mesmo. Ao contemplar, não apenas se olha, mas se estabelece uma relação profunda com o objeto contemplado, reconhecendo sua existência independente e fundindo-se a este, ao mesmo tempo.



*Mandala do Sol:
Síntese da construção de
diferentes grupos.*

Símbolos e imagens do Self, onde macrocosmos e microcosmos interagem e se integram numa dinâmica única, são constelados. As noções de tempo e espaço desaparecem nas representações, mas a estrutura se mantém. É comum a representação de mandalas e de outros símbolos vinculados à eternidade, ao infinito, à iluminação, ao processo existencial e ao cosmos.

As representações plásticas trazem configurações que apresentam um alto grau de integração e coerência, com significados sutis e diferenciados. Múltiplos componentes podem integrar uma nova totalidade, o que facilita o trabalho sintético.

Toda síntese resulta de um processo de transformação e não do somatório de partes, criando uma nova totalidade com outra identidade. Na síntese de vários materiais ou temas surgem símbolos e configurações diferentes com novas características e possibilidades, integrando diferentes significados.

Marco desta fase, a luz traz a visão de profundidade. Percebe-se somente "*pulsações*" que deixam transparecer um ritmo, marcando aspectos temporais não cronológicos, fora do espaço. Há, então, um maior grau de clareza correspondente a um nível maior de aproximação e um escurecimento mais profundo, referente a um afastamento maior.

As músicas utilizadas neste período são ascendente, trazendo a sensação de transcendência, como se o sujeito estivesse totalmente conectado com o "*todo*".

Aparece na escrita espontânea a imagem arquetípica do Velho Sábio. Os temas focalizam o auto conhecimento, a aceitação da dor, a superação do destino, o centro em volta do qual tudo se organiza. Refere-se também ao ciclo vida-morte-renascimento, o eterno retorno, tão bem retratado no Mito de Fênix.

CONCLUSÃO

Em Arteterapia, a análise simbólica do fazer artístico retrata a existência de uma continuidade no fluxo das imagens do inconsciente. Através delas visualizamos o caminho do percurso do desenvolvimento humano rumo à Individuação.

Tal caminho é espiralado e cíclico, de forma que retornamos várias vezes a determinados caminhos para conhecê-los melhor e percebê-los mais profundamente. Nesse trajeto, passamos por inúmeros lugares. Às vezes paramos e ficamos por longo tempo. Em outros momentos passamos batidos, tão rápido, que nem vemos a estrada. Alguns lugares são muito conhecidos, pois voltamos a eles várias vezes; outros bastante evitados.

Os Ciclos Arquetípicos e o Círculo Psico-Orgânico falam desse percurso. Tomando-os como referencial, o arteterapeuta pode: a) perceber o momento vivenciado pelo cliente, permitindo uma avaliação diagnóstica; b) acompanhar o desdobramento de processos intrapsíquicos, identificando temas que possuam relação significativa com o momento vivido na terapia; e c) sugerir técnicas diversas que possibilitem o contato com conteúdos que este necessita ativar e integrar em si, facilitando o processo de auto conhecimento.

No percurso do desenvolvimento humano os movimentos, as imagens e as palavras "fluem" nas mais diversas instâncias. As propostas dos diferentes canais expressivos constelam dinâmicas referentes a cada etapa deste percurso, trazendo novos conteúdos para serem integrados, ampliando cada vez mais a consciência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- (1), (2) e (3) - NEUMANN, Erich - A Criança: Estrutura e Dinâmica da Personalidade em Desenvolvimento desde o Início de sua Formação. São Paulo: Cultrix, 1991 - p. 35; p. 25.
- (4) BYINGTON, Carlos - Desenvolvimento da Personalidade: Símbolos e Arquétipos. Rio de Janeiro: Ática, 1987, p. 43.
- (5) JUNG, C G - CW16, p. 294.
- (6) LEITE, Isabela Fernandes Soares - O Herói: uma Jornada Através dos Tempos. Mimeo, Instituto Brasileiro de Medicina e Reabilitação.
- (7) REICH, Eva - Prevenção da Neurose a Partir do Nascimento - p. 29. In Cadernos de Psicologia Biodinâmica - vol. 1. São Paulo: Summus, 1983.
- (8) SOTTER, Edna Maria - O Corpo do Bebê: Campo de Comunicação Entre Mãe e Filho - In Revista do Corpo e da Linguagem, Rio de Janeiro: Ed. Icobé Ltda, p. 77.
- (9) BESSON, Jaqueline e BRAULT, Yves - O Círculo Psico-Orgânico. In ADIRE 1991 e Manuel d'Enseignement de L' EFAPO 1991, 1994, p. 14.
- (10), (11) SASHARNY, Silvana - Análise Psico-Orgânica - 1ª Jornada Reichiana, 2000, p. 5.; p. 4.
- (12) As fases do desenho aqui citadas referem-se ao trabalho de Lowenfeld sobre o desenvolvimento do desenho no decorrer da infância.
- (13) Máscaras que cobrem toda a cabeça, confeccionadas em tecidos elásticos de cores variadas e que tiram a precisão da expressão.
- (14) Corte de uma peça com fio de nylon em vários pedaços, retirando o barro interno e deixando a superfície.
- (15) Criado por Augusto Boal.
- (16), (21) OSTROWER, Fayga - Criatividade e Processos de Criação; Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 1987, p. 160.
- (17) Orgulho, descomedimento.
- (18) A justa medida.
- (19) BONETTI, Maria Cristina de Freitas, in RAMOS, Renata C. L. (org.) - Danças Circulares Sagradas: uma proposta de Educação e Cura - São Paulo: TRIOM: Faculdade Anhembi Morumbi, 1998.
- (20) Autor desconhecido.